

REFLEXÃO SOBRE A ANTROPOLOGIA NA GALIZA DE HOJE

(Pereiro Pérez, X. (2001): “Reflexão sobre a antropologia na Galiza de hoje”, em *Etnográfica* (Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social –ISCTE) n.º 10, pp. 117-127.

Xerardo Pereiro

UTAD - Extensão em Miranda do Douro

Apresento neste texto alguns dos problemas que tocam a institucionalização e organização da antropologia na Galiza de hoje. Não vou tratar aqui nem os precursores, nem tão pouco os introdutores da moderna antropologia sociocultural⁽¹⁾ no contexto galego⁽²⁾, pois esse não é o objectivo deste texto. Tampouco me referirei ao trabalho que antropólogos não galegos tem feito ou estão a realizar na Galiza, em primeiro lugar pela pouca integração na comunidade antropológica galaica, com algumas notáveis excepções; em segundo lugar pela respectiva falta de preocupação na divulgação dos seus trabalhos, o que acontece por exemplo com o trabalho clássico, não publicado, de Stephan Bauer sobre o parentesco nos Ancares lucenses; e em terceiro lugar pelo desinteresse de algumas instituições antropológicas galegas em integrar, traduzir e divulgar esses trabalhos – até mesmo os materiais etnográficos de Carmelo Lisón Tolosana já foram rejeitados por pelo menos uma instituição antropológica galega.

Ao longo do texto tentarei construir o meu argumento num quadro comparativo fundamentalmente ibérico, junto com algumas notas sobre a organização da antropologia nos EUA e no Reino Unido, num jogo de espelhos que dê lugar a uma visão matizada de uma peça do puzzle antropológico peninsular.

I. A antropologia galega na universidade

A universidade galega tem sido nas últimas décadas o principal reduto de uma antropologia profissional com muito pouco espaço e visibilidade sociais fora da academia. Este problema é comparativamente análogo em Portugal e em Espanha, mas em termos políticos a organização de Espanha em “comunidades autonómicas” (dentro das quais a Constituição espanhola distingue três nacionalidades históricas –Galiza, Euskadi, Catalunya) condiciona a existência de sistemas educativos próprios, com um desenvolvimento legal autónomo que tem como pautas de referência tanto a Constituição do Estado Espanhol como também o Estatuto de Autonomia respectivo.

Tendo como cenário o quadro autonómico, a actual situação político-universitária galega está condicionada por um passado recente, no qual a única universidade galega existente (Universidade de Santiago de Compostela) foi dividida em três: Universidade de Santiago, Universidade da Corunha e Universidade de Vigo. Esta divisão aconteceu no ano de 1990 e pode ser caracterizada como um processo de descentralização não isento de conflitos e lutas entre diferentes agentes sociais e políticos. É de sublinhar que todas as três instituições são públicas já que não existem universidades privadas na Galiza, ao contrário do que acontece em Portugal. No terreno da antropologia a partilha da Universidade de Santiago de Compostela deu lugar à criação do que eu chamo metaforicamente “três quintais” com extremas difíceis de ultrapassar hoje em dia.

Na Universidade de Vigo, a antropologia tem uma escassa relevância e academicamente está ligada à história⁽³⁾ e à sociologia⁽⁴⁾. Já na Universidade de Santiago de Compostela goza de um maior peso e protagonismo. Ligado fundamentalmente à filosofia, e integrando o Departamento de Filosofia e Antropoloxía Social, o trabalho científico dos

antropólogos da Universidade de Santiago⁽⁵⁾ é dilatado e extenso. As linhas de investigação⁽⁶⁾ seguidas e os seus resultados científicos sustentam esta minha afirmação. Também é preciso salientar que até há pouco tempo esta universidade mantinha na Galiza o único programa de doutoramento em antropologia, do qual já saíram formados algumas levadas de jovens antropólogos. Além do dito, do seu labor académico salienta-se o impulso e criação da Associação Galega de Antropologia e a realização de numerosos congressos e encontros⁽⁷⁾. Também na Universidade de Santiago existe uma pequena ligação da antropologia ao trabalho social e à história⁽⁸⁾ que derivou do facto de terem sido historiadores os primeiros a solicitar uma licenciatura em antropologia para a Universidade de Santiago, antes mesmo que o tivessem feito os próprios antropólogos que então leccionavam na Faculdade de Filosofia.

Acabámos de descrever o processo através do qual antropologia aparece no nome de um departamento, “Filosofía e Antropoloxía Social”, na Universidade de Santiago. Outro foi o caso da Universidade da Corunha, onde a antropologia é uma área inserida de raiz no “Departamento de Humanidades”. Neste último caso, a criação de um Instituto de Antropologia Aplicada –com sede em Betanzos- dará uma nova visibilidade nominal à antropologia. O grupo corunhês de antropólogos⁽⁹⁾ tem realizado periodicamente congressos de antropologia⁽¹⁰⁾, para além de impulsionar um mestrado em património cultural e um doutoramento em antropologia das identidades. Na Universidade da Corunha, não podemos esquecer também a presença de outros antropólogos que, academicamente, trabalham ligados à Sociologia Rural⁽¹²⁾ e à Sociologia Urbana⁽¹³⁾. Ainda na Corunha a antropologia tem outro espaço de expressão na Universidade Nacional de Educação à Distância -UNED⁽¹⁴⁾.

Entre os antropólogos da Universidade de Santiago e os da Universidade da Corunha está hoje em jogo a eventual criação de uma licenciatura em antropologia⁽¹¹⁾, instituição que é vista como um recurso singular que não poderá ser partilhado. Esta disputa, como outros impasses já anotados, mostram de forma muito clara a falta duma forte organização corporativa e o “minifundismo” da antropologia académica na Galiza.

Em termos de produção científica tem tido origem nas duas universidades tanto trabalhos de uma antropologia “internacional” como trabalhos de uma antropologia “nacional” ou “galeguista” (sigo a proposta genérica de classificação feita por G. Stocking⁽¹¹⁾). Quanto aos novos objectos de estudo preferenciais tem acontecido várias viragens das quais é de salientar a passagem de um interesse exclusivo pelos contextos rurais para práticas mais frequentes em contextos rurbanos e urbanos. Outro aspecto importante é a mudança de terrenos de pesquisa – passou-se de uma antropologia feita exclusivamente “em casa” para o desenvolvimento de estudos noutros contextos culturais, nomeadamente EUA, Portugal, China e Moçambique. Estes novos são caminhos de ruptura suscitados por novos problemas e contextos sócio- históricos.

II. A antropologia e o âmbito institucional não universitário

São várias as instituições não universitárias nas quais a antropologia tem o seu próprio espaço na Galiza. O contexto geral para a compreensão destas presenças é o quadro “autonómico”, é dizer, a organização estatal espanhola que reconhece regiões e nacionalidades históricas com governos próprios.

Entre as diferentes instituições é preciso salientar em primeiro lugar o “Museo do Pobo Galego”, uma instituição que nasceu em 1976, quando a democracia foi restaurada em Espanha, com o objectivo de elaborar um discurso identitário sobre a cultura galega. Apesar de não ser um museu estritamente de antropologia, condensa uma imagem antropológica da Galiza rural propondo uma interpretação de um passado mais ou menos recente. Este museu já foi dirigido por uma figura histórica da antropologia galega, António Fraguas, mas na actualidade o papel que os antropólogos ali ocupam é o de simples colaboradores⁽¹⁵⁾. O Museo do Pobo tem organizado vários congressos e reuniões científicas⁽¹⁶⁾ internacionais nas quais os antropólogos portugueses convidados sempre têm um papel muito destacado. Além da sua exposição permanente realiza exposições temporárias⁽¹⁷⁾, elabora programas pedagógicos e prossegue uma linha de publicações. Alguns dos seus problemas são, desde o meu ponto de vista, o baixo orçamento, a falta de protagonismo da antropologia na sua direcção, a falta de um protagonismo hierárquico e político do museu para coordenar uma rede galega de museus de antropologia e a pouca atenção para com as novas formas de discursar a antropologia, para além do “galeguismo”.

Dentro do mundo museológico galego, encontramos outra instituição na qual a antropologia assume um papel muito mais importante - trata-se do Museu Etnológico de Ribadavia (Ourense)⁽¹⁸⁾. Este museu está instalado numa área rurbana, como é a comarca vitivinícola do Ribeiro, e caminha para um paradigma ecomuseológico. A sua magnífica biblioteca e o seu centro de documentação histórico-antropológica convertem este museu num centro de pesquisa fundamental do Noroeste da Península.

Outra instituição fundamental no mundo antropológico galego é o “Consello da Cultura Galega”, cuja “Ponencia de Antropologia Cultural”⁽¹⁹⁾ tem sido muito activa no

desenvolvimento de projectos de investigação e na organização de congressos de antropologia, virando-se na actualidade para as preocupações dos problemas da etnicidade.

O “Instituto de Estudios Padre Sarmiento”, dependente do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), é outra das instituições nas quais a antropologia tem um papel de algum relevo. De algum modo herdeiro da geração galeguista “Nós”, tem nos colaboradores eventuais⁽²⁰⁾ o seu principal capital. Entre o seu labor editorial são de salientar os “Cuadernos de Estudos Galegos (CEG)” e a publicação do III Congresso de Antropologia Aplicada⁽²¹⁾, iniciativa de nível estatal co-organizada desde Santiago de Compostela.

Dentro da Direcção Geral do Património Cultural da Junta de Galiza existiu na primeira metade dos anos 90 uma Secção de Etnografia, à frente da qual esteve sempre um arquitecto; formação que a dita Direcção Geral julgava mais adequada para assumir esta responsabilidade. O objectivo da Secção de Etnografia era realizar um exaustivo inventário dos traços culturais galegos, uma espécie de mapa etnológico da Galiza. Dentro da Secção existia uma comissão de peritos da qual faziam parte alguns dos antropólogos ligados a instituições já referidas neste texto. Os projectos que foram subsidiados não pertenciam exclusivamente a antropólogos - em minoria ali-, pelo que as preocupações teóricas eram escassas e o objectivo dos trabalhos estava condicionado por uma visão sobretudo arquitectónica e arqueológica demasiado redutora. O seu curto orçamento, os problemas de pagamento⁽²²⁾ e a falta de projecção social e política dos resultados levaram ao corte das ajudas para a realização do dito inventário. De positivo, é preciso dizer, estes trabalhos contribuíram para a realização de algumas teses de doutoramento em antropologia.

De importância menor é a Aula de Etnografia do Conservatório de Música da Universidade Popular de Vigo, uma universidade sénior ligada à educação de adultos, à frente da qual está um profissional da música.

Finalmente, é de assinalar a existência da Associação Galega de Antropologia (AGA), que tem o estatuto de uma associação cultural, mas que em termos científico-académicos integra a Federação de Associações de Antropologia do Estado Espanhol (FAAEE). O seu núcleo fundador, como já foi referido, foi o grupo de antropólogos sediado na Universidade de Santiago, tendo no entanto, sido convidados todos os sectores da antropologia galega. A AGA organizou o IX Congresso Estatal de Antropologia em Santiago de Compostela (1999), um congresso ibérico no qual os antropólogos portugueses tiveram um papel muito importante⁽²³⁾. Pensar a AGA equivale a pensar alguns dos problemas da antropologia galega. Ali se espelha bem, em primeiro lugar, a falta de um espírito de unidade e partilha de objectivos comuns –pelo menos diante das instituições públicas- para defender a antropologia e aos antropólogos. Um bom exemplo foi a perca da batalha pela colocação da antropologia nos currículos das escolas secundárias, reafirmando-se o “minifundismo” e o desfasamento social tão característicos da sociedade galega.

III. Pensar o futuro da antropologia galega

Os caminhos que parecem desenhar o futuro da antropologia na Galiza passam por percursos complementares que se podem entrecruzar cronotopicamente. Em primeiro lugar, é cada vez mais necessário a abertura de uma licenciatura em antropologia sociocultural, pois neste momento não se justifica que os estudantes galegos se desloquem para outros lugares do Estado Espanhol para tirar o curso⁽²⁴⁾. Não se justifica a situação de

desigualdade a respeito de outras áreas do Estado Espanhol como Catalunha, Madrid ou a Andaluzia, áreas nas quais há mais de uma licenciatura.

Hoje em dia, a Galiza é cada vez mais uma área multicultural que exige o trabalho de especialistas nos problemas da integração e mediação culturais. Para além disso, uma comunidade autonómica que queira melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos e seguir princípios de justiça social, precisa de formação e investigação em antropologia para alcançar esses objectivos de reforma e de melhoria da qualidade de vida.

Em relação à criação de uma licenciatura em antropologia, também se faz necessária a inserção da disciplina no currículo da escola secundária, pois se cada vez mais os estudantes do ensino secundário escolhem as ciências humanas e sociais como disciplina optativa preferencial, não podemos deixar de oferecer uma disciplina específica que contribua decisivamente para diminuir o etnocentrismo e superar os discursos racistas, risco e mal do século que agora se inicia. A minha proposta é, neste sentido, a substituição da disciplina de “religião” e de “ética” por uma antropologia leccionada por especialistas. Aconselha esta iniciativa a diminuição constante do número de alunos que escolhem “religião” como disciplina e o seu maior interesse pelo estudo de uma “ética” que fica coxa sem uma “visão antropológica”. Temos como exemplo bem sucedido o da Comunidade Valenciana, que introduz em 1995 - Diari Oficial de la Generalitat Valenciana, 19-6-1995 - a disciplina antropológica no ensino secundário, como saber crítico e humanizante. Poderíamos colher ainda um exemplo vindo de um contexto pós-colonial, como é o caso de Timor Leste, uma nova nação onde a antropologia faz parte do *curriculum* das Humanidades.

Por outro lado, a antropologia deve conquistar todos os espaços profissionais possíveis. Exemplos como o de Marcos Gallego⁽²⁵⁾, Luzia Fernández⁽²⁶⁾ ou Celso Loureiro

Lamas⁽²⁷⁾ são bem demonstrativos daquilo que a antropologia pode fazer para além do espaço académico - aplicaram o conhecimento antropológico nos mais variados terrenos, sem necessidade propriamente de etiquetar ou “enlatar” sua prática como “antropologia aplicada” diferente de uma outra que não seja.

As novas fornadas de jovens antropólogos⁽²⁸⁾ estão a demonstrar um bom saber, um bom saber fazer e um bom dizer e escrever antropologia. Os problemas aqui são os da falha de uma vertebração dos resultados das investigações, chegando a dar-se o caso de os antropólogos galegos conhecerem melhor a antropologia que se faz fora da Galiza do que a produzida na própria Galiza. A situação na Galiza é pois marcada pela desvertebração da “tribo” antropológica galaica que leva a um (des)conhecimento mútuo imprudente. A solução para este mal poderia ser a criação de uma revista que integrasse os trabalhos dos diferentes “clãs” galaicos, que divulgue os trabalhos dos antropólogos não galegos e que dialogue com as diferentes tradições. Essa publicação, da qual já se tem falado na Associação Galega de Antropologia, poderia ocupar um espaço social importante para tornar visível e prestigiar a disciplina.

Quanto aos terrenos de investigação, na Península Ibérica a antropologia tem sido feita maioritariamente “em casa” como já foi sugerido, não por pobreza intelectual, mas devido a uma clara falta de recursos para a investigação⁽²⁹⁾ e também por condicionamentos económico-políticos de situação, como já foi sugerido. Contudo, superadas as necessidades imediatas de justificar as transformações arrastadas pela democratização e já localizados os dois países no novo quadro da União Europeia, começa-se a notar uma nova viragem para o trabalho em contextos não estritamente europeus⁽³⁰⁾. Se bem que este trabalho feito fora de portas não tenha ainda uma grande importância, pode vir a tê-la num futuro próximo, sempre que se registarem as seguintes condicionantes estruturais: 1. suficiente massa crítica

para diversificar os terrenos e as práticas profissionais; 2. uma rede de museus de antropologia; 3. centros de investigação a partir dos quais se possam produzir resultados com uma boa reutilização social. São essas condições estruturais que favorecerão a superação do que se chamou a fase do ensimesmamento⁽³¹⁾ da antropologia ibérica.

(1) Ver Fernández de Rota y Monter, José A.

1992 La antropología gallega a debate. Anales de la Fundación Joaquín Costa 9: 123-145.

(2) Ver Medeiros, António

1999 Apresentação. Amenidades e lugares comuns das antropologias na Península. In Mesa de Trabajo I- Actas do VIII Congreso de Antropología. Xaquín Rodríguez, ed. Pp. 7-15. Santiago de Compostela: FAAEE-AGA.

⁽³⁾ O antropólogo Fidalgo Santamarina (“profesor titular”), de formação francesa, é o responsável pela leccionação de antropologia. Ao mesmo tempo dirige o “Laboratorio Ourensán de Antropologia Social”, que edita monográficos e participa em projectos de investigação de âmbito provincial.

⁽⁴⁾ O antropólogo David Casado faz parte do Departamento de Sociologia, mas lecciona disciplinas de sociologia e a antropologia não é muito bem vista pela presidência do departamento.

⁽⁵⁾ Marcial Gondar Portassany, Xaquín Rodríguez Campos, Nieves Herrero, Susana de la Gala.

⁽⁶⁾

“Catedrático”: Marcial Gondar	-Antropologia das idades. -Antropologia da saúde. -Antropologia aplicada.
“Profesor Titular”: Xosé Ramón Mariño Ferro	-Simbolismo quechua. -Cultura popular galega. -Arquetipos simbólicos europeos -Etnohistória.

“Profesor Titular”: Xaquín Rodríguez Campos	-Economía camponesa. -Historia da antropología galega no s. XIX. -Antropología Lingüística.
“Profesora Titular”: Nieves Herrero	-A antropología de Marcel Mauss. -Antropología industrial. -O Caminho de Santiago como espaço simbólico
“Profesora Asociada”: Susana de la Gala	-Antropología do Género -Antropología da gestão cultural

⁽⁷⁾ Rodríguez Campos, X.

1997 As linguas e as identidades. Ensaíos de etnografía e de interpretación antropolóxica.

Santiago de Compostela: Universidade de Santiago.

⁽⁸⁾ Na Escola de Traballo Social (bacharelato) do Obispado de Santiago (adscrita à Universidade de Santiago), ensina-se antropología, mas o responsable das disciplinas é geralmente um filósofo de formação. No campus de Lugo, as disciplinas de antropología da educação são leccionadas por filósofos, ainda que essa seja uma situação mais generalizada dentro de Espanha, acho que a responsabilidade deveria competir aos próprios antropólogos.

Na Faculdade de Geografía e Historia da Universidade de Santiago, a antropóloga Mar Llinares (“profesora titular”) ensina antropología integrada no departamento de Prehistoria. Mar Llinares faz pesquisa sobre literatura oral “tradicional” e sobre género, para além de traduzir numerosos e importantes livros de antropología ao idioma espanhol.

⁽⁹⁾

“Catedrático”: José Antonio Fernández de Rota	-Antropología Histórica -Antropología Urbana. -Patrimonio Cultural. -Economía Cultural.
---	--

“Profesor Titular”: Enrique Couceiro	-Antropología das identidades. -Economía cultural. -Antropología dos riscos.
“Profesor Titular”: Luís Gárate	-Antropología Urbana. -Património Cultural. -Antropología do desenvolvemento.
“Profesor Titular”: Antonio García Allut	-Antropología da Pesca

⁽¹⁰⁾ –Fernández De Rota, José A. ;González Reboredo, Xosé M. (Dirs.)

1990 Lindeiros Da Galeguidade. Santiago De Compostela: Consello Da Cultura Galega.

-Fernández De Rota, José A.

1992 Rito y Misterio. A Coruña: Universidade sa Coruña.

1994 Etnicidad Y Violencia. A Coruña: Universidade da Coruña.

(Coord.) 1996 Las Diferentes Caras De España. Perspectivas De Antropólogos Extranjeros Y Españoles. A Coruña: Universidade Da Coruña.

-Fernández De Rota, J. A. E Irimia Fernández, P. (Coords.)

1999 Los protagonistas de la economía básica. La vanguardia ganadera y la casa en el este de la provincia de A Coruña. A Coruña: Deputación Provincial Da Coruña.

-Fernández De Rota, J. A. E Le Pichom, A. (Coords.)

1999 Antropología de la Transmisión Hereditaria. A Coruña: Universidade Da Coruña.

⁽¹²⁾ Cardesin, José M.

1992 Tierra, trabajo y reproducción social en una aldea gallega (S. XVIII-XX). Madrid: Ministerio de Agricultura.

Salientar as intensas inter- relacións académicas deste antropólogo com o Prof. Dr. Raul Iturra (ISCTE-Lisboa).

⁽¹³⁾ Ver o livro de antropología urbana:

-Lamela Vieria, María C.

1998 La cultura de lo cotidiano. Estudio sociocultural de la ciudad de Lugo. Madrid: Akal.

Carmen Lamela foi orientada pela professora Maria Cátedra (Universidade Complutense de Madrid), bem conhecida em Portugal pelo seu trabalho sobre Évora (em curso).

⁽¹⁴⁾ A antropóloga Beatriz Ruíz, que tem realizado uma tese de doutoramento inédita na área da antropologia económica orientada pelo catedrático Ubaldo Martínez Veiga e apresentada na Universidade Autónoma de Madrid. O contexto de estudo tem sido a cidade de Vigo.

⁽¹¹⁾ Lembremos que a licenciatura em antropologia no Estado Espanhol é um curso que só pode ser tirado depois da obtenção de um bacharelato em História, Geografia, Belas Artes, Gestão, Sociologia, etc.

⁽¹¹⁾ Stocking, George W.

1982 Afterword: A view from the Center. *Ethnos* 47: 172-186.

⁽¹⁵⁾ Entre estes colaboradores salienta Clódio González Pérez, responsável por um curso anual sobre literatura oral para educadores primários; mas também Xaquín Rodríguez Campos, Marcial Gondar e Xosé Ramón Mariño Ferro da Universidade de Santiago.

⁽¹⁶⁾ AA.VV.

1988 I Coloquio de Antropoloxía. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia-Museo do Pobo Galego.

AA.VV.

1989 II Coloquio de Antropoloxía. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia-Museo do Pobo Galego.

⁽¹⁷⁾ Como por exemplo “Viver no Atlântico Norte”. Ver: www.museodopobo.es

⁽¹⁸⁾ Dirigido pelo antropólogo Xosé Carlos Sierra, que é um dos grandes aplicadores da antropologia fora da academia. Foi um dos primeiros docentes universitários a ensinar antropologia na Galiza (1975) junto com José Antonio Fernández de Rota e Javier Sanmartín. Xosé Carlos Sierra foi colaborador do Parque Etnográfico do Rio Arnoia (Allariz), uma das experiências de museologia antropológica melhor sucedidas na Galiza. Neste momento está a desenvolver o projecto museístico do Museu do Antroido (Xinzo de Límia). É um grande conhecedor da museologia antropológica europeia. Foi também Subdirector Geral de Cultura da Xunta da Galiza, o que lhe permite ter uma visão crítica dos desenhos das políticas culturais. Entre os antropólogos habituais colaboradores de Xosé Carlos Sierra, salientar a Manuel Vilar, Fátima Braña, Eva

Mouriño e Xerardo Pereiro, que têm trabalhado em investigações sobre o património cultural e os museus de antropologia na Galiza.

⁽¹⁹⁾ Entre os trabalhos desenvolvidos salienta uma recompilação de toda a bibliografia sobre antropologia da Galiza. A começos dos anos 90 o professor José Antonio Fernández de Rota liderou uma equipa de investigadores, na qual participei, que trabalhou sobre a identidade galega nos seus limites administrativo-territoriais. O projecto deu lugar a algumas publicações colectivas e individuais, mas terminou quando começámos a pensar na importância de estudar a cultura galega e as suas expressões identitárias em contextos migratórios. A liderança actual da “Ponencia de Antropologia Cultural” é do professor Xosé Manuel González Reboredo, docente de literatura espanhola no Instituto Rosália de Castro de Santiago de Compostela. Além do professor Reboredo, que tem investigado sobre a literatura oral galega, também fazem parte da “Ponencia” o professor Francisco Calo Lourido e o professor Fidalgo Santamarina (Universidade de Vigo-Campus de Ourense) entre outros.

-González Reboredo, Xosé. M. e Fernández de Rota, Xosé A. (coords.)

1990 Identidade e Territorio. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

-González Reboredo, X. M. e Rodríguez Campos, J.

1990 Antropología y Etnografía de las proximidades de la Sierra de Ancares, vol. 1. Lugo: Deputación Provincial.

-Fernández de Rota, Xosé A. ; González Reboredo, Xosé M. e Fidalgo Santamarina, J. A. (coords.)

1993 Lindeiros da galeguidade II. Actas do Simposio de Antropoloxía. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

-Pereiro Pérez, Xerardo

1996 Entre Galicia e Asturias. Antropoloxía da Identidade e da Alteridade. Santiago de Compostela: Editorial Lea.

⁽²⁰⁾ Xosé Manuel González Reboredo, Antonio Fuentes Allende, Clodio González Pérez, Xaquín Rodríguez Campos, Xosé Carlos Sierra Rodríguez, Manuel Vilar Álvarez. Também poderíamos integrar neste grupo Manuel Mandianes Castro, colaborador científico do CSIC – que ao contrário dos anteriores faz parte do quadro- no Instituto Millá i Fontanals de Barcelona. Manuel Mandianes tem feito trabalho de campo na Galiza e tem manifestado o seu interesse em dirigir o próprio instituto. Ver:

-Mandianes Castro, Manuel

1989 Las serpientes contra Santiago. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.

-Mandianes Castro, Manuel e Antón, Fina

1998 O ciclo da vida. Vigo: Ir Indo.

⁽²¹⁾ –González Reboredo, Xosé M. e outros (eds.)

1997 Actas do III Congreso de Antropoloxía Aplicada. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia-Instituto Padre Sarmiento.

Além do mais, este grupo de antropólogos, coordenados por Xosé Manuel González Reboredo, dirige a secção de antropologia do “Proxecto Galicia”. Um projecto enciclopédico da Editorial Hércules, que, juntamente com outras disciplinas, pretende criar uma enciclopedia de antropologia da Galiza.

⁽²²⁾ A “Consellería de Cultura da Xunta da Galicia”, da qual era conselheiro Victor Manuel Vázquez Portomeñe, estava mais preocupada em pagar 200 milhões de pts a Julio Iglesias para patrocinar o Xacobeo 93, que em subsidiar estudos de antropologia. Estes estudos de antropologia implicavam 30 milhões de pts anuais. Estamos perante um caso de diferente rentabilidade política, no qual se hegemoniza o conceito de cultura galega como cultura de massas e do espectáculo, desbordando ao mesmo tempo os limites para com o conceito de cultura popular. Esta será a tónica dos governos de Manuel Fraga.

⁽²³⁾ –Rodríguez Campos, Joaquín (coord.)

1999 Actas do VIII Congreso de Antropología. Santiago de Compostela: FAAEE-AGA.

⁽²⁴⁾ No Estado espanhol existem na actualidade 11 licenciaturas em antropologia sociocultural: Universidad Autónoma de Barcelona, Universidad Autónoma de Madrid, Universidad Católica de Murcia, Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Deusto, Universidad de Extremadura, Universidad de Granada,

Universidad de Sevilla, Universidad Miguel Hernández de Elche, Universidad del País Vasco, Universidad Rovira i Virgili.

A Universidade Católica de Murcia (particular) oferece anualmente aos estudantes galegos a licenciatura, podendo as aulas ser não presenciais e o atendimento aos alunos feito por Internet. Galiza é um dos seus mercados, sobre tudo estudantes de enfermagem. Ver anúncio em: *La Voz de Galicia*, 29-10-2000.

⁽²⁵⁾ Marcos Gallego é doutorando em antropologia pela Universidade de Santiago. Tem trabalhado em antropologia urbana e antropologia aplicada e promoveu, conjuntamente e, junto um politólogo e um sociólogo, uma empresa de investigação social que está a ter grande sucesso e incidência na Galiza e no Norte de Portugal.

⁽²⁶⁾ Luzia Fernández é doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago. Aplica a antropologia através do “Projecto Bogavante”, um programa de integração de imigrantes cabo-verdianos no concelho de Burela (Lugo).

⁽²⁷⁾ Celso Loureiro Lamas é licenciado em antropologia pela Universidade de Barcelona e director geral do Centro Unesco de Galicia. Foi ele quem promoveu um programa de formação de agentes socioculturais de grande relevância.

⁽²⁸⁾ Entre os jovens antropólogos galegos salientam:

-Miguel Martínez, doutor em antropologia pela Universidade de Santiago, especialista em antropologia da pesca e prémio estatal “Marqués de Lozoya” de Investigação antropológica.

-Hedi Kelley, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, trabalha sobre antropologia do trabalho e cultura de empresa.

-Eva Mouriño, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, tem publicado um interessante livro sobre a peregrinação a Santiago de Compostela intitulado: MOURIÑO, E. (1997): *Vivir o camiño. Revivir a historia*. Vigo: Ir Indo.

-Marián Mariño Costales, doutoranda em antropologia pela Universidade de Santiago, trabalha sobre género, feminismo e sexualidade.

-David Casado Neira, doutorando em antropologia pela Universidade de Santiago, trabalha sobre antropologia da saúde.

-Milagros Rumbo Torres, doutorada em antropologia pela Universidade da Corunha, tem trabalhado sobre antropologia industrial.

-María Jesús Pena Castro, doutoranda em antropologia pela Universidade da Corunha, trabalha sobre urbanismo e património cultural.

-Esther Fernández, doutoranda em antropologia pela Universidade da Corunha, trabalha sobre sociabilidades e associações em ambientes rurbanos.

-Jesús Pérez Marty, doutorando em antropologia pela Universidade da Corunha, trabalha sobre os problemas do desenvolvimento em Moçambique.

⁽²⁹⁾ Espanha dedica um 0,89% do orçamento de Estado a investigação. O total da despesa em investigação é de 571.584 milhões de pts, dividido nos seguintes gastos: 168.451 milhões (29,5%) para investigação militar, 111.469 milhões (19,5%) para investigação básica, e 301.591 milhões (51%) para investigação aplicada em empresas (só se subsidiam os juros de empréstimos para investigação e desenvolvimento). Alguns críticos afirmam que da investigação aplicada 90% são dirigidos para empresas como Santa Bárbara ou CASA, que investigam armamento. Ver: El Mundo, 18-10-2000. Também ver: El País, 12-10-2000 e a revista inglesa Nature, edição de Outubro de 2000.

⁽³⁰⁾ A Universidade da Corunha tem doutorandos galegos em antropologia a fazer trabalho de campo na China e em Moçambique. A Universidade de Santiago tem doutorandos galegos a trabalhar no Canadá.

⁽³¹⁾ Ver Medeiros, António

1999 Apresentação. Amenidades e lugares comuns das antropologias na Península. In Mesa de Trabajo I- Actas do VIII Congreso de Antropología. Xaquín Rodríguez, ed. Pp. 7-15. Santiago de Compostela: FAAEE-AGA.